

Sexualidade, Corporalidade e Transgêneros: Narrativas fora de ordem. ST 16

Jesana Batista Pereiraⁱ

Márcia Santana Tavaresⁱⁱ

Maura Santos de Olimⁱⁱⁱ

Universidade Tiradentes – Se

Palavras-chave: Gênero; sexualidade; identidade.

“Gostaria de Ser Livre Como As Flores e Plantas, Pois São Livres Para Viver Sem Medo de Errar”^{iv}.

INTRODUÇÃO

Como membros do Grupo de Estudos Sobre a Mulher – GEM/UNIT, fomos convidadas para participar de um Seminário promovido pela Secretaria Municipal de Saúde de Nossa Senhora do Socorro/SE, tendo como eixo temático Direitos Humanos e Cidadania. Este Seminário teve como público alvo profissionais do sexo, usuários do CAPS/Álcool-Drogas, mulheres soropositivas, travestis e agentes de saúde vinculados ao Projeto “Belas da Noite”, que tem como objetivo promover a redução da incidência do vírus HIV e outras DST’s junto a mulheres que atuam como profissionais do sexo, bem como incentivar a auto-organização e prevenção quanto ao uso abusivo de drogas tendo em vista a redução de danos. O projeto, financiado pelo Ministério da Saúde e Secretaria Municipal de Saúde de Nossa Senhora do Socorro, oferece serviços de saúde, além de desenvolver atividades sócio-educativas, aconselhamentos e pesquisas.

Na ocasião, atuamos como facilitadoras de Oficina de Gênero idealizada pela equipe do Projeto, a partir da identificação de comportamentos e atitudes autodiscriminatórias entre profissionais do sexo, que se expressavam na sujeição à violência, não só dos donos de bares, como também dos próprios clientes, resultando no silêncio por medo de perder o espaço de trabalho. Além do que se observou a resistência destas profissionais em procurarem os serviços de saúde pública em função de se sentirem inferiores e estigmatizadas. Por isso, a idéia da Oficina de Gênero, levando os participantes a repensarem o processo de construção de suas identidades sociais e sexuais, entendendo que a conquista da cidadania e pleno exercício dos direitos humanos passam também pela tomada de consciência e respeito à subjetividade, afinal “eu nunca ouvi dizer que puta é profissão”.

Neste sentido, aqui nos propomos a refletir sobre a construção de gênero, sexualidade e identidade a partir das formas de expressão elaboradas pelos participantes durante a

realização das oficinas, de forma a localizar o gênero e sua hierarquia no cotidiano destes participantes.

POR QUE GÊNERO?

Sabe-se que, no senso comum, ainda persistem representações sobre as diferenças entre os sexos baseadas na fisicalidade, que levam à naturalização de outras tantas diferenças entre homens e mulheres, ou seja, comportamentos, formas de pensar, formas de agir, padrões de afetividade, apropriação de espaços, condutas sexuais, entre outros aspectos.

Instala-se a bipolaridade entre os sexos que, longe de estar centrada nos corpos – de fato, anatômica e biologicamente diferentes –, consigna-se como um produto social concebido a partir das relações sociais entre homens e mulheres, ou seja, as identidades sexuais não são intrínsecas à biologia dos sexos, mas uma construção social, histórica e cultural que difere de uma sociedade, época, classe social, raça, etnia e até mesmo de uma geração para outra. Portanto, sexo é diferente de gênero, sexo diz respeito ao equipamento biológico, enquanto gênero se refere à forma como meninos/homens e meninas/mulheres são vistos culturalmente. Tanto um sexo quanto o outro aprendem como devem agir, pensar, se comportar, usar o corpo, desejar e manifestar seu desejo. Então, mulheres e homens de qualquer sociedade não nascem prontos, mas são inventados pela família, escola, religião, cinema, novela, propaganda, música etc., que vão definir os papéis que cada um deve exercer nessa sociedade. Essas diferenças construídas culturalmente dão origem a relações de poder desigual entre homens e mulheres. A dominação de um sexo sobre o outro pode ser observada nas mais diversas situações. O poder desigual está baseado nas diferenças físicas entre um sexo e outro que, de fato, existem. Mas, as diferenças vão além das aparências, são reforçadas pela sociedade que torna “natural” a dominação do homem em relação à mulher, crianças e idosos.

BURLANDO FRONTEIRAS IDENTITÁRIAS

Entretanto, há de se observar que o gênero enquanto significado cultural assimilado pelo corpo sexuado contempla outros arranjos. Conforme observa Butler (2003, p.24):

Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos. Além disto, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (...),

não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois.

Por exemplo, no caso dos transexuais, estes são comumente confundidos com homossexuais, por desejarem alguém do mesmo sexo. Entretanto, o que ocorre é a não identificação com o corpo biológico, ou seja, estes se sentem e se percebem como homens ou mulheres – sua alma é feminina ou masculina. Em outras palavras, sua identidade feminina ou masculina é desenhada através da fisicalidade e, por isso, o desejo permanece heterossexual (PICAZIO, 1998).

SEXUALIDADES: Deslocando a Nature

No que diz respeito à sexualidade, também se observa que, no senso comum, a sua vivência está calcada na dicotomia passivo/ativo; na classificação de condutas homo/hetero, que por sua vez definem constituições de identidades. Estes tipos de vivência se ancoram em uma visão essencialista do sexo, em que a sexualidade adquire um caráter natural, ou seja, fundada na lógica reprodutiva e, portanto, descontextualizada da historicidade. No entanto, a sexualidade, ao ser dissociada da reprodução, possibilitou o surgimento de uma nova sexualidade, desta feita dotada de plasticidade. A sexualidade plástica, vivida no seio da individualidade, é decorrente do surgimento das tecnologias reprodutivas, que facultam sua autonomização, na medida em que rompem com o vínculo entre identidade feminina e papel reprodutivo. Conseqüentemente, questionam a justificativa biológica para o desempenho sexual baseado na heteronormatividade. Neste sentido, as diferentes expressões e vivências da sexualidade ganham legitimidade e revelam-se como posições identitárias (GIDDENS, 1993).

BUSCANDO CAMINHOS

A Oficina foi desenvolvida durante dois dias e através de três etapas: no primeiro momento, foi solicitado que os participantes colocassem em um crachá como gostariam de ser identificados. Em seguida, pedimos que formassem grupos separados de homens e mulheres. Este critério, a priori, já nos revelou um tipo de construção de gênero que foi percebido na manifestação de constrangimento por parte de “Geraldo”^v que se apresentara como “Rosana” e tendo se dirigido ao grupo dos homens, sentiu-se deslocado, chegando a ponto de mudar para o outro grupo que já acenava para “ela”, dizendo que estava no lugar errado. O tipo de

construção identificado neste episódio liga-se aos limites impostos pela fisicalidade sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Com os grupos formados, distribuimos massas de modelar e solicitamos que esculpisse figuras que representassem para eles as diferenças entre homem e mulher. Logo após, os grupos apresentaram os trabalhos desenvolvidos, nos quais, muitos atributos naturalizantes ficaram evidentes, quais sejam: a diferença entre homem/mulher está centrada nos “órgãos genitais”; enquanto o homem adquire “barba, bigode, pêlos, tórax largo”, a mulher ganha “seios aguçados”, “quadril largo” porque a mulher tem “a graça de engravidar e dar à luz”. Vale ressaltar que, nas molduras masculinas, o homem se encontra sempre em posição ativa e com o membro sexual, de tamanho desproporcional, em estado de ereção, revelando através do grotesco a importância dada ao falo como atributo de masculinidade. Quanto às mulheres, suas figuras estão sempre grávidas e com seios avantajados, reafirmando a bipolaridade identitária calcada no físico.

No segundo momento, partimos para a construção de um relógio que marcasse a cronologia de atividades desenvolvidas por homens e mulheres. No relógio feminino, as atividades reveladas desde a hora que acordam até o antes de dormir, estão centradas no espaço privado da casa: começam com o preparo do café da manhã e terminam com a novela das “oito”, que assistem enquanto passam ferro e arrumam a cozinha. Entretanto, as tarefas domésticas são desqualificadas como trabalho pelas participantes do grupo. Esta dinâmica também revelou uma dificuldade por parte das profissionais do sexo, qual seja, a de perceberem a sua atividade como trabalho. Isto ficou evidente na sua reticência ao verbalizarem o que fazem além do espaço doméstico, dizendo apenas que nos finais de semana não têm hora de voltar para casa. No relógio masculino, as atividades reveladas estão centradas no espaço público, seja trabalhando ou em momentos de lazer com amigos, que incluem não só o bate-papo em bares, mas também a prática de esportes, a leitura de um livro e o descanso entre uma atividade e outra.

No terceiro e último momento, utilizando os resultados das duas dinâmicas, começamos a (des) construir os conceitos de gênero elaborados por eles, na tentativa de fazê-los compreender em que supostos os seus conceitos estariam arraigados. Desta forma, através de provocações, incitamos-os a refletirem sobre o seu cotidiano, suas escolhas e desejos. Este momento, ao contrário de ser formalizado em termos de palestra, como havia sido proposto pelos organizadores, configurou-se em um espaço aberto para diálogo, no qual os participantes respondiam às nossas provocações relatando experiências de vida e dramas enfrentados, tais como:

- Eu me casei e tive um filho, freqüentei várias Igrejas para deixar de ser gay; a esposa já me conheceu assim; separei-me e virei Rosana até que, ao visitar o filho, a esposa me pediu para que fosse Geraldo. Era duas pessoas em uma só; olhava no espelho vestido de homem e não me reconhecia, dava um desespero. Me desfiz de todas as roupas femininas, cortei o cabelo. Hoje uso calça e blusa (Rosana).
- Tenho 34 anos e sou travesti desde os 10. Vivo com meu marido há bastante tempo. Ele ouve muito na rua que é gay porque é casado comigo. Os amigos mexem com ele, mas ele não é gay. Meu marido saiu uma vez com os amigos e uma mulher deu em cima dele. Levou a tal para minha casa, peguei os dois logo depois de transarem e dei uma surra nos dois. Quando ele explicou porque tinha saído com a moça, compreendi (Isabela).

VELHAS ENCRUZILHADAS

A Oficina nos permitiu identificar que mulheres, homens e travestis “são alegres por fora e tristes por dentro”, pois “queremos ser vistos e aceitos como somos”. Isto nos revela o quanto a construção das subjetividades está condicionada e limitada a categorias identitárias, fundadas na bipolaridade instada entre a fisicalidade e seu imaginário correspondente.

Discutir gênero, portanto, não é apenas uma questão de mulheres, é também indagar o que é ser um homem e os papéis que são atribuídos a ele. Mas, como mudar essa situação? Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a “questão de gênero” trata de relações entre homens e mulheres, entre mulheres e entre homens. Em segundo lugar, implica em transformar nossa forma de pensar, sentir e agir. Precisamos refletir sobre a nossa cultura machista e as concepções consagradas de masculinidade e feminilidade, principais responsáveis pela desigualdade entre os sexos. É preciso, portanto, desnaturalizá-las.

Não é à toa que leis, organizações não governamentais, políticas sociais e campanhas educativas vêm sendo criadas. Grupos de discussão são formados e profissionais atuam como voluntários, tendo em vista combater a discriminação, violência contra a mulher, gays, lésbicas e outras minorias, promovendo e garantindo seus direitos sociais, uma vez que, mudar nossa forma de pensar, sentir e agir não é tão simples.

Discutir gênero é uma das formas possíveis de se tentar mudar essa situação, pois ajuda-nos a perceber que as coisas nem sempre são como nos ensinaram. São Oficinas iguais a estas que podem contribuir para que mulheres, homens e travestis possam lutar para serem livres e tentarem viver do jeito que são, como querem, sem medo de “errar”.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da intimidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PICAZIO, Cláudio. *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993.

ⁱ Doutoranda em Antropologia/UFPE. Professora da Universidade Tiradentes – Sergipe (UNIT/SE).

ⁱⁱ Doutoranda em Ciências Sociais/UFBA. Professora da Universidade Tiradentes – Sergipe (UNIT/SE).

ⁱⁱⁱ Graduada em Psicologia pela Faculdade Pio Décimo- Aracaju/Se.

^{iv} As frases, termos ou palavras aspeadas no corpo do texto foram extraídas dos resultados das dinâmicas e verbalizações dos participantes.

^v Os nomes são fictícios, de forma a preservar o anonimato dos participantes.